

Especial

A pernambucana Dupé começa hoje ofensiva para conquistar mercados do Sul do país **Página B4**

Volks perde a sua vocação de grande exportadora para poder estancar os prejuízos **Página B6**

Comportamento Ascensão social requer estudo e trabalho duro como nos EUA, diz professor de economia

A China já tem poderosa classe média

O império globalizado

Paulo Totti
De Pequim e Xangai

“Como é a classe média no Brasil. Quantos são da classe média? Os jornalistas são classe média?”

As perguntas surpreendem porque, durante todo o jantar num restaurante de Xangai, o jovem jornalista chinês, 25 anos, não pronunciara uma só palavra. Limitara-se a acompanhar interessado a conversa entre o brasileiro, o intérprete e um outro jornalista chinês, mais velho e experiente. Este era o que mais falava, indicara o restaurante “pela qualidade da comida e pelo preço” (expectativas perfeitamente confirmadas) e discorria sobre todas as coisas (boas) que, desde a abertura da economia, em 1977, acontecem em seu país.

Em verdade, aquelas são perguntas que os jovens chineses se fazem a si próprios sobre seu próprio país. O que é a classe média na China, quantos pertencem a ela? Como chegar a ela?

O jovem certamente ainda não se sente integrado nesta categoria. É solteiro, ganha pouco, só come em restaurantes razoáveis quando convidado, não tem carro, ainda mora com os pais, saiu da universidade (um curso de Letras) diretamente para o jornal por recomendação de alguém filiado ao Partido e já começa a indagar-se se não deveria ter escolhido outra profissão. Percebe-se que este é o seu problema, a curiosidade reflete suas angústias.

O jovem representa milhões de chineses da mesma idade que, saídos da Universidade, começam a enfrentar a vida com preocupações diferentes da de seus pais. Estes últimos, hoje na faixa dos 50, 60 anos, são funcionários públicos, tiveram experiência política na juventude, estiveram entre os jovens algozes ou vítimas da Revolução Cultural (1966-1977) e se sentem orgulhosos de, depois de tanto sacrifício, seu país ser agora um dos mais poderosos do mundo. Mas na sua juventude não existia classe média, nem sequer o proletariado (a transplantação chinesa mais próxima do que Marx chamou de proletariado é “classe sem propriedades”). A China sempre teve dificuldades para compor o cartesianismo de Marx-Lênin com o confucionismo de seu povo e o voluntarismo (de Mao), os chineses se distribuíam, nas comunas do campo e nas tarefas das cidades, entre os que decidiam e os que cumpriam o decidido no aparelho de Estado. Não pensavam em ter propriedades, até que Den Xiaoping, em 1977, cunhou o “slogan” famoso: “Enriquecer é a glória”.

Mandarinas

Pobreza em Pequim

Bolsões de pobreza ainda existem em Pequim. Eles podem ser vistos bem perto do palácio do governo, por trás da Cidade Proibida, num quarteirão de prédios de madeira, com becos escuros e cozinhas coletivas. Dentro de meses, o quarteirão desaparecerá para dar lugar à estação central de uma das quatro linhas de metrô — uma delas em direção ao aeroporto — que serão construídas para as Olimpíadas de 2008. Com quarteirão pode desaparecer também o Quan Ju Dé, restaurante popular que serve um dos melhores “kao ya”, pato laqueado, de Pequim.

Pobreza em Xangai

A pobreza de Xangai sobrevive a três quarteirões dos jardins de Yuyuan, um de seus belíssimos parques. É nos becos que levam a uma outra praça, de onde se descortina ao longe a Torre de TV. Há luz elétrica e gás para calefação, mas o conjunto depõe contra o exibicionista “espírito de Xangai”,



O casal e seu filho único, a família chinesa padrão; já são entre 120 milhões e 300 milhões os chineses de classe média, um mercado poderoso para alimentos, carros, apartamentos e celulares

Em outubro último, segundo a Merrill Lynch, 320 mil chineses já se poderiam considerar gloriosos, pois acumulavam fortuna superior a US\$ 1 milhão. E os jovens sabem que, para chegar lá, têm de passar pelo vestibulo da nova classe, a média.

Esta efetivamente já existe e aumenta em quantidade. Isso se percebe nas ruas, pelo congestionamento dos carros novos, nos edifícios de apartamentos em construção — enfim, as primeiras propriedades —, nas ofertas das agências de viagens. Os ricos vão para Paris e Nova York; a classe média para Tailândia, Austrália, ou ilhas do Pacífico.

Contar os ricos é mais fácil do que contar os que ainda não conseguiram chegar lá e pensam estar a caminho. Estatísticas e palpites situam a classe média na ampla faixa dos 120 milhões a 300 milhões. Já é quantidade suficiente de chineses para construir um grande e promissor mercado. Para essa população, a americana Procter & Gamble, a maior do mundo no seu setor, fabrica na China e vende no mercado interno sabões em pó, pasta de dentes, artigos de tocador, fraldas, num total de US\$ 1 bilhão por ano. A francesa L'Oréal faturou R\$ 340 milhões em 2005 e pretende crescer 20% este ano, com o Lancôme importado e dezenas de produtos mais populares produzidos na China mesmo — entre eles o “Layá”, que é como

o chinês pronuncia L'Oréal. Ambas empresas são presididas por italianos, Daniella Riccardi e Paolo Gasparini. Riccardi, da P&G, diz que em 10 anos o mercado chinês vai superar o dos Estados Unidos. Gasparini, que dirigiu a L'Oréal no Brasil, tem passaporte brasileiro e um apartamento na Visconde de Pirajá, em Ipanema, chegou à China em 1997 e, com outros seis estrangeiros e sete chineses, instalou a primeira fábrica em Suzhou e comprou mais duas em Pudong e Yichang.

“Queríamos produzir para o mercado local e fazer alguma exportação para os países vizinhos. Hoje só atendemos o mercado interno e estamos permanentemente ampliando nossas fábricas”, diz Gasparini. A L'Oréal emprega diretamente 5 mil pessoas e terceiriza outras 5 mil.

Escurado em estudos de marketing de sua empresa, o italo-brasileiro estima que a classe média na China seja algo superior a 120 milhões de pessoas. Seus cálculos têm como base um salário superior a 2.500 yuans (US\$ 320) por mês. Os palpites que ampliam a classe média para 250/300 milhões provêm de fontes oficiais, com base, entretanto, superior: 3 mil yuans (US\$ 384). Pelos padrões ocidentais, especialmente dos Estados Unidos, onde os chineses cada vez mais se inspiram, “isto é muito pouco para construir uma classe média”, como observou o profes-

sor de Economia You Nou, colunista do “China Daily”. Ocorre que a China, com uma política não revelada de subsídios para alimentação, transporte, energia, pratica baixos salários e isso distorce as comparações com o mundo exterior. Os baixos salários explicam o investimento estrangeiro — a mais valia viria daí, se alguém na China ainda se importasse com Marx e Engels — e tornam mais baratos também os produtos que atraem a classe média: carro, roupas, celulares, pois é tudo fabricado aqui.

Conversar com jovens de classe média é um problema. Eles são permanentemente interrompidos pelo toque do celular. E no celular barato eles não falam. Escrevem, ou melhor, digitam. A China espera atingir ainda neste inverno do hemisfério norte 500 milhões de celulares produzidos e vendidos internamente

Yuan Yue, um pesquisador chinês que trabalha para o americano Horizon Research Consultancy Group, parte de critérios culturais para definir a classe média de seu país: salário em ascensão, emprego estável, boa educação. “É diferente dos Estados Unidos. Lá a classe média é um casal com três filhos, um cachorro, dois carros, casa já paga. Aqui o típico casal de classe média só tem um filho, um carro, não tem cachorro, e paga seu apartamento em 20 anos a juros mais baixos.”

Mas os novos hábitos chineses

procuram ser os mesmos dos americanos. Dezembro começou com os supermercados e shopping centers enfeitados para o Natal. Papai Noel está presente, velho, barba branca, vestido de vermelho e nem sequer os olhos puxados tem. Novembro, aliás, terminou com a festa do “Thanksgiving”, assim mesmo em inglês. Só faltou o peru no Dia de Ação de Graças, substituído pelo tradicional pato laqueado.

Para Yuan, o americano de classe média ganha entre US\$ 40 mil e US\$ 200 mil anuais. O chinês, de US\$ 7,5 mil a US\$ 75 mil.

O professor You Nuo parece entender as angústias do jovem jornalista do início desta história, mas faz uma recomendação moralista, bem ao gosto do velho padrão americano e do novo padrão chinês: “Para chegar à classe média tem que estudar e trabalhar duro. Basta olhar os exaustos rostos no rush do fim da tarde em Nova York, para constatar a luta de cada um para ter sucesso em sua carreira e conquistar o padrão de vida de classe média”.

Max quem é a classe média e como vive? Zhang Ping e Cao Ling formam um casal quase típico. Ela, Cao, trabalha no Ministério de Relações Exteriores (US\$ 5 mil anuais), ele, Zhang, numa firma estrangeira de consultoria imobiliária (não quis dar o nome) e ganha US\$ 18.750 anuais. Seu apartamento, em Pequim, de 140 metros quadrados, está sendo pago em 20

anos, a US\$ 500 por mês. Têm uma filha, Fangran, e um Buick. A prestação do apartamento é a sua maior preocupação, razão de viverem apertados, mas Zhang tinha um pequeno apartamento no subúrbio que os pais compraram em seu nome ainda antes da abertura econômica. Zhang o aluga por US\$ 250 e isso ajuda a pagar a prestação do apartamento maior. Eles pretendem que sua filha viaje no futuro para o exterior, para fazer universidade ou pós-graduação.

Os fins de semana do casal são em família: no sábado visitam os pais de Cao, nos domingos os pais de Zhang. As mulheres vão para a cozinha e os homens jogam dominó. Há casos, não é o de Zhang e Cao, em que os avós não têm economias para cumprir a obrigação anual de dar presentes ao neto na Festa da Primavera, em abril. Os jovens sugerem que o dominó, nas semanas que precedem a festa, seja a dinheiro. A jovem esposa se junta ao marido e participam do jogo também alguns primos e até vizinhos. E deixam o “velho” ganhar. Nesta situação está o que os chineses chamam de “geração sanduíche”, pessoas de 30 a 40 anos, que têm de cuidar do filho e também dos pais, que já deixaram de trabalhar mas não têm aposentadoria, ou trabalharam em estatais e foram demitidos nestes tempos de reestruturação e privatização.

Com estas reportagens encerra-se a série “O império globalizado”

Mandarinas

Destino manifesto

Há grande movimento na noite de segunda-feira no saguão de hotel de Pequim. Hóspedes vão a caminho dos dois restaurantes no térreo e casais vestidos para a noite a uma festa no terceiro andar. Numa mesa de canto, cinco homens e uma mulher examinam catálogos de moda feminina. É impossível saber sobre o que discutem. Pelo idioma, parecem de alguma região da Europa Central. Mas dá para prever o que acontecerá na volta a seu país. Chamarão os operários de sua fábrica de confeções e anunciarão demissões, pois passarão a importar em vez de fabricar. E culparão seu governo.

Velhos e maus hábitos

Não se vêem mais escaradeiras nas fotos oficiais de autoridades chinesas e visitantes ilustres. Também não as há em lugares públicos. O chinês, parece, parou de cuspir em público. E também não come mais cobra, pois a iguaria sumiu de todos os cardápios.

Declarar renda agora é obrigação

De Pequim

Uma das tarefas mais chatas do cidadão ou da cidadã de classe média no Ocidente é a declaração anual de imposto de renda. A partir de 1º de janeiro os chineses que ganharem mais de 120 mil yuans (US\$ 15 mil) vão ter que copiar também esse hábito ocidental. Até aqui, as empresas descontavam na fonte e informavam à Administração Estatal de Impostos, a Receita Federal chinesa. E esta acreditava.

Agora, o fisco percebeu que nem sempre as declarações do empregador são sinceras, e que trabalhadores por conta própria — aí incluídos consultores e especuladores de bolsa — pagavam pouco ou nenhum imposto de renda. Os estrangeiros residentes na China estarão sujeitos à mesma obrigação. O patrão continuará a fazer a declaração daqueles que ganham menos de 120 mil yuans por ano.

O governo reconheceu que a

nova obrigação tem o propósito de aumentar a arrecadação, mas adoeceu-a com a explicação de que a medida “vai diminuir a distância entre ricos e pobres”.

Serão obrigados a fazer a declaração também aqueles que recebem de mais de uma fonte, que recebem do exterior ou que trabalham em empresas isentas de tributação. Haverá também o cruzamento das declarações da fonte pagadora e de quem recebe a remuneração. Tudo como acontece no Ocidente.

Para introduzir esta novidade, o fisco chinês estudou o sistema tributário de outros países e uma missão esteve em Brasília em 2003. Nessa missão estava Yang Yuan Wei, vice-diretor da Receita, um chinês que, por acompanhar os campeonatos mundiais de futebol no Japão, se diz admirador do Grêmio e do São Paulo. Segundo ele, estão isentos de tributação os brasileiros e nacionais de todos os países que tenham convênio de reciprocidade com a

China e paguem imposto de renda em seu próprio país.

O imposto de renda sobre salários oscila de 5% a 40%, com dedução de 1.600 yuans (US\$ 204) por mês para os empregados nacionais e 4.800 yuans para os estrangeiros. Empresas estrangeiras também pagam menos impostos sobre os resultados do que as nacionais (33% de nacionais; 15% de locais) e têm isenção durante os dois primeiros anos de investimentos, passando a pagar a metade de imposto do terceiro ao quinto ano.

Em algumas regiões incentivadas, o pagamento do salário de operários pode ser totalmente deduzido do imposto a pagar pelas empresas estrangeiras; as nacionais obedecem a critérios menos brandos. Há discriminação favorável aos estrangeiros também nos ganhos de capital, como os de operações em bolsa. Estrangeiros estão isentos, os nacionais pagam 20%. A China tem 18 tipos de impostos, e o governo se fi-

nancia especialmente com o de renda e o IVA (consumo).

A Receita chinesa está agora tratando de baixar as tarifas de importação, em cumprimento ao compromisso assumido ao ingressar na Organização Mundial do Comércio (OMC), em 2001.

Segundo Yang, seu país está cumprindo rigorosamente o prometido e não aceita a acusação de opor barreiras tarifária à importação de produtos estrangeiros que Estados Unidos e Canadá apresentaram à OMC.

“Pensamos, primeiro, em medidas que venham a beneficiar o nosso povo e temos mais onze anos para atender a todas as exigências da OMC. Acusam-nos de não ser uma economia de livre mercado, mas os acusadores praticam o protecionismo em seus países e isso também não é praticado uma economia de livre mercado. Estados Unidos e Canadá não podem ser considerados 100% economia de mercado”, afirmou Yang. (PT)